



III CONGRESSO INTERNACIONAL ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO INTEGRAL NA AMÉRICA LATINA

Cenários e Desafios Contemporâneos

18 e 19 de Novembro Evento totalmente online

UNISC UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Curriculum, Memórias e Narrativas
EM EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado

COMITÊ ORÇÃO
DO ENSINO MÉDIO

CRÍTICAS À FLEXIBILIZAÇÃO NA REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Camila Roberta Oberherr e Altair Alberto Fávero

A reforma do ensino médio no Brasil, resultante da Lei nº 13.415/2017, tem gerado uma ampla discussão acerca da flexibilização curricular, da participação estudantil e dos impactos dessas mudanças no cenário educacional brasileiro. A flexibilização foi apresentada com o argumento de modernizar e flexibilizar o sistema educacional brasileiro, introduzindo na parte diversificada os percursos formativos ajustados às demandas contemporâneas do mercado. O presente estudo apresenta, por meio da análise de alguns artigos acadêmicos, argumentos que sustentam as possíveis falhas e desafios que a flexibilização curricular pode gerar no ensino médio. A abordagem busca proporcionar uma visão crítica das desigualdades que essa reforma pode intensificar, além de destacar como essa flexibilização na prática vem a fragmentar o currículo e comprometer a formação integral dos alunos.

A reforma do ensino médio com sua proposta de flexibilização foi divulgada como uma solução para combater as desigualdades sociais com itinerários formativos diversificados. No entanto, ao remover componentes curriculares de formação geral e substituí-los por itinerários formativos tecnicistas, a flexibilização fragiliza a formação dos alunos. Kuenzer (2024, p. 6) analisa que sendo a oferta da quantidade dos itinerários formativos definidos pelos sistemas de ensino, segundo suas condições concretas, é possível inferir “que levará à restrição das possibilidades de escolha pelo aluno, ou seja, ao enrijecimento. Da mesma forma, o aluno pode cursar mais de um itinerário, desde que haja vaga (dependendo da carga horária, isso só será possível na forma subsequente).” Tal procedimento restritivo acaba fragilizando a formação dos jovens que não se sentirão preparados para ingressar no Ensino Superior e necessitarão de cursos preparatórios incentivados por esta nova proposta.

Os problemas de infraestrutura que afetam parte significativa das escolas gaúchas e de todo o país, juntamente com as dificuldades socioeconômicas enfrentadas por alunos



III CONGRESSO INTERNACIONAL ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO INTEGRAL NA AMÉRICA LATINA

Cenários e Desafios Contemporâneos

18 e 19 de Novembro

Evento totalmente online

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Curriculum, Memórias e Narrativas
em Educação
ISSUE 14 - 2023

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado

COMITÊ PERMANENTE
DO ENSINO MÉDIO

que residem nas regiões mais pobres, influenciam radicalmente na oferta de itinerários formativos. As deficiências estruturais impedem a realização de uma flexibilização equitativa. Nesse sentido, a flexibilização falha ao defrontar-se com os problemas já presentes na educação pública, assim o objetivo de proporcionar escolhas aos alunos durante seu percurso formativo se torna uma promessa vazia por defrontar-se com uma realidade que não oferece oportunidades iguais a todos os estudantes.

A flexibilização não resolve os problemas e as disparidades sociais, podendo ainda agravar as desigualdades sociais, uma vez que um sistema educacional fragmentado não atende as necessidades dos estudantes mais vulneráveis. Uma escola limitada e restrita, não contribui para uma formação educacional ampla e crítica. De nada adianta ter promessas de currículos inovadores, modernos e atraentes, se as condições objetivas de infraestrutura das escolas e as condições de trabalho dos professores são precárias e deficientes. No que diz respeito a participação dos sujeitos educacionais envolvidos (estudantes), de mesma forma, de nada adianta estar anunciada nos documentos de que os jovens podem escolher seu percurso formativo, se na prática existem enormes limitações da oferta dos percursos, por problemas de infraestrutura e por falta de recursos humanos. A participação se torna uma (pseudo) participação e o protagonismo se torna um (pseudo) protagonismo.

Nesse sentido, a suposta participação estudantil na elaboração da reforma do ensino médio, tornou-se frágil e inconsistente. Embora o projeto previsse uma participação ativa dos estudantes, essa participação foi controlada e limitada. Os mecanismos utilizados, como questionários, não proporcionaram uma verdadeira autonomia aos estudantes. Conforme ressaltam Fávero, Tonieto e Silva (2024, p. 10) em seus estudos argumentam que “não é possível garantir o ‘direito a uma escolha de qualidade’ se as escolhas são administradas, e os jovens não têm à sua disposição o “cardápio de novos e atraentes conhecimentos”, como amplamente propagado pelos formuladores da política”.



III CONGRESSO INTERNACIONAL ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO INTEGRAL NA AMÉRICA LATINA

Cenários e Desafios Contemporâneos

18 e 19 de Novembro

Evento totalmente online

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Curriculum, Memórias e Narrativas
em Educação
ISSUE 10 - 2023

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado

CONTEÚDO
DO ENSINO MÉDIO

A reforma do ensino médio foi prometida como sendo uma resposta às demandas da sociedade e da comunidade acadêmica. Porém o processo não priorizou ouvir aqueles que vivem o processo escolar do dia a dia. O projeto não se preocupou em estabelecer uma escuta ativa que pudesse incorporar as diversas demandas levantadas pelos educadores. Essa desconexão do projeto com os professores sugere o seu caráter mercadológico (do projeto).

Em seu estudo “A (pseudo) participação dos estudantes na elaboração do referencial curricular gaúcho do ensino médio”, os pesquisadores Fávero, Bellenzier e Tonieto (2023) ressaltam “que a participação foi induzida e demasiadamente direcionada, contrariando a participação que visa o desenvolvimento pleno dos estudantes, conduzida de forma colaborativa, plena e autônoma”. Percebe-se, evidentemente, que os estudantes não foram protagonistas neste processo e que, em virtude disso, não atuaram legitimamente na elaboração da política do RCG do Ensino Médio. Desta forma, fala-se que, o que ocorreu, na realidade, foi uma (pseudo) participação e um (pseudo) protagonismo.

A proposta da flexibilização acarretou consigo a redução dos conteúdos comuns (formação geral), dificultando o aprofundamento de conteúdos densos promovendo uma superficialização da educação comprometendo a formação mais ampla dos alunos. Ao priorizar o percurso técnico em detrimento de uma educação integral, o projeto educacional do ensino médio se afasta de uma formação crítica e cidadã. Se adaptando às demandas do mercado, a educação se torna frágil no desenvolvimento de capacidades essenciais à democracia como a capacidade de se aprofundar em conhecimento científico e a capacidade de ler e interpretar textos.

A educação deveria ter como um dos seus pilares o desenvolvimento de cidadãos que sejam capazes de interpretar textos de maneira crítica e atenta. Tal capacidade de interpretação permite aos indivíduos distinguirem entre informações verídicas ou falsas (*Fake News*). Portanto, esse *know-how* se torna essencial porque possibilita que as pessoas se tornem agentes ativos nos debates políticos e na compreensão da sociedade.



III CONGRESSO INTERNACIONAL ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO INTEGRAL NA AMÉRICA LATINA

Cenários e Desafios Contemporâneos

18 e 19 de Novembro

Evento totalmente online

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Curriculum, Memórias e Narrativas
em Educação
ISSUE IN EDUCATION

Programa de Pós-Graduação
EDUCAÇÃO
Mestrado e Doutorado

COMITÊ ORGANIZADOR
DO ENSINO MÉDIO

Além disso, o aprofundamento em áreas como a matemática é fundamental para o desenvolvimento do raciocínio lógico primordial em qualquer carreira. A habilidade de resolver problemas complexos com a capacidade de pensar de maneira abstrata auxilia a encontrar soluções para problemas reais e pragmáticos. A formação mercadológica limita o desenvolvimento de uma educação emancipatória.

Portanto, a flexibilização curricular pode comprometer o desenvolvimento das habilidades críticas e lógicas. Isso resulta, exclusivamente, em problemas individuais, mas também no enfraquecimento da democracia, pelo deterioramento da capacidade da educação, na formação de cidadãos preparados para os novos desafios da cultura, da sociedade e da política.

Com base nos artigos analisados neste estudo sobre a flexibilização e a participação dos estudantes no projeto da Reforma do Ensino Médio, é possível constatar que tal projeto não atende a demandas da educação, por fragilizar a formação geral, instituir um formato mercadológico de currículo e fragilizar a formação dos jovens. Com pouca participação daqueles que vivem o processo educacional no cotidiano escolar (alunos e professores), o projeto torna-se distante da realidade presenciada nas salas de aula do ensino médio, as quais possuem sérios problemas de infraestrutura, deficiências na quantidade e qualidade dos recursos humanos para atender as demandas da proposta e, principalmente, um enorme abismo entre o que é proposto e o que é vivido.

A fragmentação do ensino prejudica a formação integral, essencial no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária e não está condizente com a falta de estrutura das regiões de baixa renda, promovendo um desnível ainda maior no desenvolvimento de jovens em situação de vulnerabilidade mediante a problemas sociais e econômicos.

Palavras-chave: Lei nº 13.415/2017; Reforma do ensino médio; Educação; flexibilização.



III CONGRESSO INTERNACIONAL ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO INTEGRAL NA AMÉRICA LATINA

Cenários e Desafios Contemporâneos

 18 e 19 de Novembro  Evento totalmente online

   

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Altair Alberto; SILVIA, Diocélia Moura; TONIETO, Carina. O engodo da flexibilização e diversificação curricular do ensino médio gaúcho: um estudo dos itinerários formativos de matemática e ciências da natureza. *Jornal de Políticas Educacionais* 18:1-20, 2024.

FÁVERO, Altair Alberto; BELLENZIER, Caroline Simon; TONIETO, Carina. A (pseudo) participação dos estudantes na elaboração do referencial curricular gaúcho do ensino médio. *Congresso Internacional Ensino Médio e Educação Integral na América Latina*. Santa Cruz do Sul, v.2 n.1, mar. 2023.

KUENZER, Acacia Zeneida. Trabalho e Escola: A flexibilização do Ensino Médio no contexto de Acumulação Flexível. *Educ. Soc*, Campinas, v. 38, nº. 139, p.331-354, abr.-jun., 2017.

REIS, Patrícia Sobrinho. Modelo de flexibilização curricular e reforma do Ensino Médio. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 26, p. 1-26, e-22054.070, 2023.